

O PLANTIO DE IGREJAS NO CONTEXTO DA MISSÃO

*João Eder Graebin**

RESUMO

Este artigo procura definir a plantação de igrejas no contexto da missão confiada por Jesus à igreja. O autor começa por apontar diferentes atitudes em relação à plantação de igrejas. A seguir, mostra a relação entre reflexão teológica e prática missionária, destacando a necessidade de sempre andarem juntas. Na sequência, procura responder a três perguntas fundamentais: O que é a igreja? Qual é a sua missão? Onde se insere o plantio de igrejas na missão da igreja? Ao tratar do segundo ponto, a missão da igreja, analisa cinco passagens essenciais: Mateus 28.18-20; Marcos 16.15-18; Lucas 24.46-48; Atos 1.8 e João 20.21. Por último, considera qual é a relação entre a missão da igreja e a plantação de novas igrejas, destacando três aspectos: o plantio de igrejas como tarefa, como método e como consequência. Ele conclui que existe uma conexão intrínseca entre o plantio de novas congregações e a missão da igreja.

PALAVRAS-CHAVE

Missão da igreja; Plantação de igrejas; Reflexão teológica; Eclesiologia; Grande Comissão.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo ser uma moldura teórica dentro da qual se pode tratar o tema do plantio de igrejas. Assim, o artigo objetiva definir o plantio de igrejas dentro da missão da igreja de Jesus. Especificamente,

* Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia (São Bento do Sul/SC); licenciado em Ciências Sociais pela Faculdade Educamais (São Paulo); mestre e doutorando em Missiologia pela North-West University, na África do Sul. Está plantando uma igreja na cidade de Formosa (GO), sob a patrocínio da Igreja Presbiteriana Nacional, de Brasília.

a pergunta que se pretende responder é: “Qual é o local do plantio de novas igrejas dentro da missão da igreja de Jesus?”

O tema do plantio de novas igrejas tem se tornado recorrente e atual na igreja cristã. Isso pode ser rapidamente verificado ao se observar a avalanche de publicações, sites e congressos sobre o tópico. Nos mais distintos estilos de igrejas há departamentos específicos para tratar de expansão, implantação ou início de novas igrejas – nomes e expressões usados como sinônimos. Isso sem falar em agências missionárias e entidades paraeclesiais que têm feito do plantio de igrejas o tema e a prática prioritários das suas agendas.

Esse frenesi e ênfase sobre plantação de novas igrejas tem polarizado opiniões e práticas. De um lado há os que veem esse processo como benéfico à igreja de Cristo, seja do ponto de vista do crescimento quantitativo ou qualitativo. Para esse grupo, plantar novas igrejas não é um dos, e sim, o método para se evangelizar as pessoas e cumprir a missão da igreja.¹

Por outro lado, há outros que se inquietam com a ênfase em plantação de igrejas. Esse segundo grupo questiona, por exemplo, se o que determina o desejo de plantar igrejas é algo nobre, do ponto de vista das Escrituras, ou é apenas a aplicação de métodos pragmáticos, nos quais os números são tidos em alto conceito. Ou, ainda, se ao enfatizar o plantio de igrejas os princípios bíblicos da missão da igreja de Cristo não estariam sendo suplantados por ideias e objetivos de um determinado líder ou de uma denominação.

Sob o viés acadêmico, a plantação de novas igrejas tem sido analisada de diversas formas, seja pela teologia, seja pela missiologia, e, em alguns casos, com o auxílio do ferramental de outras ciências sociais. Aqui também os estudiosos divergem de opinião. Por exemplo, para alguns, o uso dos conhecimentos modernos das ciências sociais pode e deve ser utilizado como chave hermenêutica para a análise e prática do plantio de igrejas. Outros, por sua vez, veem essa tendência como perigosa e fomentadora de um afastamento dos princípios bíblicos para o plantio de novas igrejas. Há, ainda, um terceiro grupo que defende uma espécie de uso moderado das ciências sociais, desde que esse conhecimento não sobrepuje ou contrarie as Escrituras.²

¹ Por exemplo, C. Peter Wagner afirma que “plantar igrejas é o método evangelístico mais eficaz debaixo do céu”. *Plantar igrejas para a grande colheita*. São Paulo: Abba Press, 1993, p. 13.

² Um dos autores que defende a posição do uso das ferramentas das ciências sociais é o mesmo C. Peter Wagner, bem como todos os outros ligados ao Movimento de Crescimento de Igrejas, que surgiu nos Estados Unidos com Donald McGavran. Essa posição fica evidente no seu livro escrito em 1993: *Plantar igrejas para a grande colheita*. Um uso equilibrado da missiologia/teologia e de outras ciências sociais é defendido por David J. Hesselgrave, como se observa no seu livro *Plantar igrejas: um guia para missões nacionais e transculturais*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995. Por sua vez, uma abordagem do tema do plantio de igrejas conectada diretamente com as Escrituras e com um claro viés da teologia reformada pode ser observada nos escritos de Stuart Murray, dentre eles seu *Church planting*. Scottsdale: Herald Press, 2001. Jedeias Duarte traz uma importante reflexão sobre as metodologias modernas de plantio de igrejas e sua relação com as ciências sociais em “Plantio de novas igrejas: uma análise conceitual preliminar”. *Fides Reformata* XVI-1 (2011): 31-47.

1. REFLEXÃO TEOLÓGICA E PRÁTICA MISSIONÁRIA

De qualquer forma, plantação de igrejas é, ao mesmo tempo, um tema amplo e central nas Escrituras e na prática da missão da igreja cristã. E a amplitude desse tema é facilmente verificável, por exemplo, quando se observam os vários subtemas que gravitam ao seu redor: expansão do Reino de Deus, batalha espiritual, estratégias de avanço missionário, levantamento de obreiros e recursos, treinamento de liderança, questões logísticas e administrativas.

Se a amplitude e a centralidade do plantio de igrejas são facilmente verificadas, por outro lado, cabe àqueles que se envolvem nessa tarefa exercê-la debaixo dos parâmetros impostos pelas Escrituras. Afinal, como afirmou Bosch, as ações missionárias da igreja “somente são autênticas quando refletem a participação na missão de Deus”.³ Além do que, como asseverou Duarte, “os princípios teológicos exercem influência na estratégia, na elaboração mental do planejamento e na prática de plantar novas igrejas”.⁴

Quanto a esse tema, Murray ainda sublinha:

Uma base teológica inadequada não irá necessariamente impedir o crescimento a curto prazo, ou resultar em heresia generalizada entre igrejas recém-plantadas. Porém, irá limitar o impacto de longo prazo da plantação de igrejas e poderá resultar em distorções perigosas na maneira pela qual é entendida a missão da igreja.⁵

Por isso, prática missionária e reflexão teológica são duas realidades que nunca deveriam ser divorciadas. Numa espécie de relação simbiótica, de interdependência, toda prática missionária – na qual se inclui a plantação de igrejas – deveria ser resultado de reflexão teológica e, ao mesmo tempo, toda reflexão teológica deveria ser fruto da ação missionária. Uma deveria, necessariamente, instigar e ser resultado da outra. Nesse sentido, Murray incentiva a ter em mente que a plantação de igrejas está localizada numa intersecção entre a Teologia (especificamente na eclesiologia, a doutrina da igreja) e a Missiologia (ciência ou arte de missões).⁶ Essa lógica é encontrada ao longo de toda a Bíblia.⁷

³ BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2002, p. 370.

⁴ DUARTE, “Plantio de novas igrejas”, p. 33.

⁵ MURRAY, Stuart. *Church Planting: Laying Foundations*. Scottsdale: Herald Press, 2001, p. 17.

⁶ *Ibid.*, p. 19.

⁷ Por isso, ao falar do aspecto missiológico das Escrituras, Carriker afirma: “A Bíblia (...) é essencialmente um livro missionário, visto que sua inspiração deriva de um Deus missionário. O termo missionário vem do latim, que, por sua vez, traduz a palavra grega *apóstolos*, a qual significa o enviado. Jesus usou este termo para destacar o relacionamento entre Deus Pai, Deus Filho e seus discípulos, quando disse: ‘Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio’ (Jo 20.21). O próprio caráter de nosso Senhor é missionário. Portanto, não é de surpreender que sua Palavra também manifeste essa característica. É à luz dessa revelação de Deus que a igreja enfrenta o maior desafio do cristianismo – a tarefa missionária inacabada, cujo âmago é a evangelização”. CARRIKER, C. Timóteo. *Missões na Bíblia: princípios gerais*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 8.

Todavia, a dicotomia entre a prática missionária e a reflexão sobre ela (ou seja, entre missiologia e teologia) é mais real do que se possa imaginar. Lamentavelmente, precisa-se concordar com Michael Green, que afirma: “A maior parte dos evangelistas não se interessa muito por teologia; e a maioria dos teólogos não se interessa muito por evangelização”.⁸

Ronaldo Lidório observa que, se a prática missionária da igreja não for fundamentada na reflexão teológica, correm-se três riscos: (a) de os resultados substituírem o caráter e o perfil do obreiro; (b) de a capacidade humana substituir a busca da dependência de Deus; (c) de as estratégias certas substituírem o compromisso com a Palavra no crescimento da igreja e na expansão da obra missionária.⁹

O grande problema para o qual Lidório aponta está no fato de que uma prática missionária sem profundas bases bíblicas irá necessariamente cair num mecanicismo pragmático onde não mais se pergunta pelo que está certo (com base na reflexão bíblica e teológica), e sim pelo que dá certo (com base no pragmatismo). Afinal, seria ingênuo pensar que todo crescimento numérico é fruto de uma prática missionária respaldada pelas Escrituras. Como disse Lopes: “É perfeitamente possível fazer uma igreja local crescer sem que isso tenha a ver com a doutrina bíblica correta”.¹⁰

Por outro lado, a reflexão teológica pode se tornar um fim em si mesmo. Dessa forma, ela não estará a serviço da missiologia, o que será igualmente danoso. Como sublinha Lidório:

É o outro lado da mesma moeda. [O perigo] de desenvolvermos um ensino teológico sem ligação com a igreja, sua vida e dinâmica. Sem ligação com o pastor, suas necessidades e desafios. Sem ligação com a missão, a evangelização e plantio de igrejas.¹¹

O apóstolo Paulo conseguiu mesclar essas duas realidades na sua vida e ministério. Ele “passou para a história como o maior teólogo do cristianismo, mas também como o seu maior missionário”.¹² Nele, fervor evangelístico e reflexão teológica andavam lado a lado, numa parceria que resultou no plantio de várias igrejas e, conseqüentemente, na expansão do Reino de Deus.

A matéria central com a qual o plantador de igreja deveria se ocupar no seu processo de reflexão teológica é, sem dúvida, a eclesiologia (a doutrina

⁸ GREEN, Michael. *Evangelism, Now and Then*. Illinois: InterVarsity Press, 1979, p. 7.

⁹ LIDÓRIO, Ronaldo. “A igreja e a sua missão no plantio de igrejas”. *MissioNews*, vol. 1, ano 1 (2009): 1-19, p. 18.

¹⁰ LOPES, Augustus Nicodemus. “Paulo, plantador de igrejas: repensando os fundamentos bíblicos da obra missionária. *Fides Reformata*, XV:2 (1997): 1-15, p. 1.

¹¹ LIDÓRIO, “A igreja e a sua missão”, p. 19.

¹² LOPES, “Paulo, plantador de igrejas”, p. 2.

da igreja). O alerta de Ott e Wilson soa providencial nesse sentido: “Os plantadores de igrejas precisam ter a sua eclesiologia bem clara em suas mentes antes de lançar um projeto”.¹³

Para tal, três perguntas são fundamentais: (a) o que é igreja? (definição); (b) qual é a missão da igreja? (tarefa); (c) onde está alocado o plantio de igrejas na missão da igreja de Cristo? (aplicabilidade).

2. O QUE É IGREJA (DEFINIÇÃO)?

O termo igreja vem de *ekklesia*, que significa *assembleia*. Thielman observa:

O Senhor derramou seu Espírito sobre seu povo escatologicamente restaurado, e o NT, com frequência, reflete a respeito da própria natureza desse povo. Os escritores do NT consideram de especial importância três aspectos da identidade do povo do Senhor: a posição da igreja como a nação de Israel restaurada, a igreja como local de habitação da presença de Deus e a igreja como repositório e guardião da verdade. (...) Pedro chama os cristãos gentios da Ásia Menor de os “peregrinos dispersos [...] eleitos [...] de Deus” (1Pe 1.1,2) e usa, em relação a eles, toda a série de termos que as Escrituras usam para Israel – “geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus”.¹⁴

Missiologicamente falando, assim como Israel era o povo de Deus do Antigo Testamento e era responsável por testemunhar do Senhor às outras nações, a igreja é o povo de Deus do Novo Testamento, responsável por proclamar Jesus a quem não o conhece.

Metáforas significativas descrevem a relação da igreja com Cristo. Ela é seu edifício, sendo Cristo Jesus a pedra angular (Ef 2.19-21). É seu corpo espiritual (Ef 1.23). É, por assim dizer, sua noiva – o objeto do seu amor e provisão (Ef 5.25-33).¹⁵

No Novo Testamento também aparece o conceito de igreja local, ao se referir a um grupo de cristãos de uma determinada localidade.

Em 1 Co 1:12 vê-se, por exemplo, a expressão “*igreja de Deus que está em Corinto*”, onde “*que está*” (“*te ouse*”) indica a localidade da igreja. Mostra-nos que os santos de Corinto pertencem à Igreja, e não que a Igreja pertence a Corinto, deve ficar bem claro.¹⁶

¹³ OTT, Craig; WILSON, Gene. *Plantação global de igrejas: princípios bíblicos e as melhores estratégias de multiplicação*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2013, p. 20.

¹⁴ THIELMAN, F. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 849, 850.

¹⁵ HESSELGRAVE, David. *Plantar igrejas: um guia para missões nacionais e transculturais*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 13. Ott e Wilson aprofundam os estudos das metáforas bíblicas para a definição da Igreja. *Plantação global de igrejas*, p. 20, 21.

¹⁶ LIDÓRIO, “A igreja e a sua missão”, p. 5.

Os pais da igreja sublinhavam o aspecto koinônico da igreja (comunhão dos santos). “A ênfase era corretamente colocada sobre a igreja como um povo em vez de uma instituição”.¹⁷

Os atributos da igreja foram sistematizados pelo *Credo Niceno*, em 381. Para esse documento a igreja é una, santa, católica e apostólica. Para os reformadores, eram essas quatro marcas que diferenciavam a verdadeira igreja de Jesus das suas falsas expressões. A *Confissão de Fé de Westminster*, elaborada nos anos 1640, define a igreja como “o número total dos eleitos que já foram, dos que agora são e dos que ainda serão reunidos em um só corpo sob Cristo, seu cabeça; ela é a esposa, o corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todas as coisas”.

Portanto, a igreja é a totalidade das pessoas que se converteram a Cristo, quando a elas foi anunciado o evangelho. Ela tem sua visibilidade observada nas comunidades de cristãos, as igrejas locais, que se reúnem para viver os propósitos e as tarefas dadas por Deus.

3. QUAL É A MISSÃO DA IGREJA (PROPÓSITO)?

Depois de definir o conceito de igreja, é necessário perguntar qual é a sua missão. Perguntar-se sobre a missão da igreja é questionar acerca da sua finalidade, propósito. Para que Deus separou graciosamente um povo do pecado? O que ele espera dessas pessoas? Qual é o propósito da *ekklesia*?

Essa pergunta tem sido respondida de várias formas. Por exemplo, para o ramo evangelical, a grande tarefa da igreja cristã é pregar o evangelho. A Teologia da Libertação crê que o envolvimento e a transformação social são as grandes funções da igreja. Alguns explicam a missão da igreja pelo ângulo da *Missio Dei*, salientando que a igreja deve contribuir com a missão de Deus no mundo. Há, ainda, os teólogos e missiólogos da Teologia do Evangelho Integral, que creem que a missão da igreja deve ser vista de forma holística. Isso sem falar nos vários subgrupos que circulam entre essas compreensões principais.

Todas essas posições, segundo Hesselgrave, acabaram por gerar na igreja moderna dois pensamentos unilaterais e, até certo ponto, polarizados, da definição da missão da igreja: (a) uma compreensão por demais ampla da missão; (b) uma compreensão por demais estreita da evangelização.¹⁸

Hesselgrave observa que os reformadores dos séculos 16 e 17 recuperaram a mensagem da igreja, mas estavam tão ocupados com os problemas da Europa que pouco fizeram para o evangelho ser pregado em outras partes do mundo.¹⁹

Somente mais tarde, sob os ministérios dos pietistas, morávios e de William Carey, o evangelho começou a se espalhar para outras nações. Contudo,

¹⁷ OTT; WILSON, *Plantação global de igrejas*, p. 21.

¹⁸ HESSELGRAVE, *Plantar igrejas*, p. 19-20.

¹⁹ *Ibid.*, p. 19.

O grande avanço missionário do século 19 evidenciou o fato de que os missionários nem sempre tinham clareza quanto aos seus objetivos. A missão assumia a forma de estabelecer escolas e hospitais, de opor-se às práticas desumanas tais como o sati e o amarramento dos pés e de lançar campanhas em prol do saneamento (...). Mas por si só, essas atividades dignas não faziam discípulos nem estabeleciam igrejas.²⁰

De outro lado, uma compreensão por demais estreita da evangelização criou metodologias cujo foco principal é levar os ouvintes a uma decisão. Hesselgrave diz que fazem parte dessa cultura de evangelismo as grandes campanhas – conhecidas como cruzadas – e métodos bem elaborados de evangelismo individual.²¹ O problema dessa compreensão é que normalmente se desvincula o evangelismo das igrejas locais. “Proporcionalmente, uma ênfase grande demais tem sido dada à multiplicação dos convertidos – e uma ênfase totalmente insuficiente à multiplicação de congregações”.²²

Todas as variantes interpretativas e práticas advindas delas apontam para o fato de que a missão da igreja é, paradoxalmente, única e múltipla. Única no objetivo. Múltipla nas tarefas. Lidório destaca:

Se a Missão de Deus envolve a vinda e expansão de Seu Reino, que Ele é o responsável e Único capaz para fazê-lo, a Missão da Igreja é servi-lo, participar de Sua Missão, cumprir Seus propósitos. Desta forma a Igreja é conclamada a não olhar para si, mas para Ele. Não viver para satisfazer a si, mas a Ele. Não procurar na própria comunidade a motivação certa para o serviço, mas nas Escrituras. A Missão da Igreja é clara: servir a Deus.²³

A igreja cumpre a sua missão de servir o Senhor praticando as múltiplas tarefas para que ele a designou. Ao se observar os evangelhos, há muitos imperativos de Jesus aos seus discípulos. Todavia, a passagem de Mateus 28.18-20, comumente chamada “A Grande Comissão”, bem como as outras passagens paralelas (Mc 16.15-18; Lc 24.48; Jo 20.21; At 1.8), tornam-se chaves para compreender a tarefa da igreja quanto ao tema de expansão do evangelho e avanço missionário. Como assevera Hesselgrave:

Se ainda sobrar qualquer dúvida quanto à tarefa central à qual Cristo chama o Seu Povo, deve ser dissipada por uma pesquisa sobre o mandamento final de Cristo e o resultado da obediência a esse mandamento por parte dos crentes primitivos.²⁴

²⁰ Ibid., p. 19, 20.

²¹ Ibid., p. 20.

²² Ibid.

²³ LIDÓRIO, “A igreja e a sua missão”, p. 18.

²⁴ HESSELGRAVE, *Plantar igrejas*, p. 14. Getz traz um estudo aprofundado sobre a tarefa da igreja de Cristo à luz da Grande Comissão. GETZ, Gene A. *Igreja: forma e essência: o corpo de Cristo pelos ângulos das Escrituras, da história e da cultura*. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 53-62.

Payne vai além na sua observação, dizendo que a Grande Comissão não apenas resume a missão da igreja, mas também fornece as bases teológicas para a plantação de novas igrejas locais. Nas suas palavras, “a autorização divina para a plantação bíblica de igrejas é a Grande Comissão”.²⁵

3.1 Mateus 28.18-20

Mateus 28.18-20 responde três perguntas fundamentais para a compreensão da tarefa missionária da igreja: (a) o que fazer? (tarefa); (b) onde fazer? (abrangência); (c) como fazer? (metodologia).²⁶

A perícopé da Grande Comissão (Mt 28.18-20) está na parte final do evangelho. Relata um dos encontros que Jesus teve com os discípulos após a sua ressurreição. Acontece na Galileia, local que Jesus lhes indicara anteriormente (18.10, 16). Depois de reação ambígua dos discípulos – “quando o viram, o adoraram, mas alguns duvidaram (28.17) – Jesus lhes dirige a palavra: “Foi-me dada toda autoridade nos céus e na terra” (28.18). Quem está falando, portanto, é o Rei Jesus, o Senhor da igreja, aquele “que mediante o Espírito de santidade foi declarado Filho de Deus com poder, pela sua ressurreição dentre os mortos” (Rm 1.4a). É ele que irá orientar a igreja, representada nesses discípulos, quanto à sua missão.

“Portanto”, isto é, porque Jesus tem toda autoridade nos céus e na terra, “vão e façam discípulos” (Mt 28.19). Segundo Mateus, essa é a missão da igreja. Hesselgrave salienta:

Fazer discípulos é o único imperativo e atividade central indicada na Grande Comissão. Fazer convertidos e crentes certamente está envolvido nesse imperativo. Mas a fé e o discipulado nunca podem ser divorciados entre si. A obediência é exigida, não somente da parte de quem leva a mensagem, mas também da parte daquele que ouve, se arrepende e crê no evangelho. “Convertidos” e “crentes” (...) podem “viver como quiserem”. Mas “discípulos”, obviamente, devem fazer a vontade do seu Mestre.²⁷

Carson, citando Broadus, diz que

[...] discipular uma pessoa para Cristo é trazê-la para a relação de aluno e mestre, “tomar seu jugo” de instrução autoritativa (Mt 11.29), aceitando o que ele diz como verdade porque ele o diz e submetendo-se a suas experiências como certas, porque ele as fez.²⁸

²⁵ PAYNE, J. D. *Discovering Church Planting: An Introduction to the Whats, Whys, and Hows of Global Church Planting*. Colorado Springs: Paternoster, 2009, p. 11.

²⁶ Bosma traz um importante estudo sobre a sintaxe grega em Mateus 28.19. BOSMA, Carl. “Missões e sintaxe grega em Mateus 28.19”. *Fides Reformata* XIV-1 (2009): 9-34.

²⁷ HESSELGRAVE, *Plantar igrejas*, p. 14.

²⁸ CARSON, D. A. *O Comentário de Mateus*. São Paulo: Shedd Publicações, 2010, p. 742.

“... de todas as nações” (Mt 28.19). Aqui há um destaque especial para a extensão da obra missionária da igreja. “De todas as nações”, num primeiro instante, significava que se deveria fazer discípulos além do arraial judeu. É uma alusão ao fato de que a missão deveria acontecer entre os gentios. Além disso, mostra a extensão geográfica, assinalando o fato de que pessoas até “os confins da terra” (At 1.8) deveriam ser discipuladas. Em Apocalipse 21.24 João antevê o céu e descreve que nele “as nações andarão em sua [de Jesus] luz”. Isso é possível apenas se pessoas de todas as nações forem discipuladas pela igreja de Cristo.

“... batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei” (Mt 28.19-20). A missão de fazer discípulos entre todos os povos e culturas da Terra ocorre por meio do batismo e do ensino à obediência. O batismo aqui deve ser visto como o ato de ingresso na comunidade cristã (igreja local). Ao comentar esse assunto, Smith define o batismo desta forma: “Isso significa incorporar pessoas de todas as classes e tipos na comunidade e em sua vida”.²⁹ A introdução na comunidade cristã – pelo batismo – dará início à caminhada sistemática do discipulado em direção à obediência aos ensinamentos de Jesus. Afinal, “discípulos são aqueles que ouvem e entendem os ensinamentos de Jesus e também obedecem a eles (Mt 12.46-50)”.³⁰ Portanto, do ponto de vista da teologia sistemática, o discipulado deve ser alocado no ambiente da santificação, uma vez que seu grande objetivo é levar o seguidor de Cristo, identificado e incorporado na comunidade cristã pelo batismo, a crescer na obediência aos ensinamentos de Jesus. Hesselgrave resume essa ideia, dizendo que “os discípulos são feitos por um processo de batizar e ensinar. O que deve ser ensinado? Tudo o que Cristo ordenou. O homem vive ‘de toda a palavra que procede da boca de Deus’ (Mt 4.4)”.³¹

A perícopete termina com uma palavra de alento de Jesus: “E eu estarei para sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28.20b). A igreja não obedece ao seu chamado de forma autônoma e solitária. O próprio Senhor ressurreto, por meio do seu Espírito, a acompanha em sua realização, concedendo-lhe o seu poder (At 1.8), a sua sabedoria (Mc 13.11), o seu encorajamento (At 9.31).

3.2 Marcos 16.15-18

Marcos 16.15-18 é a passagem paralela da Grande Comissão. Nela, Jesus se dirige aos seus discípulos nos seguintes termos: “Vão pelo mundo todo” (Mc 16.15a). Mais uma vez a universalidade da missão da igreja é destacada.

“... e preguem o evangelho a todas as pessoas” (Mc 16.15b). O evangelho de Jesus, as boas notícias acerca da salvação precisam ser anunciadas pela

²⁹ SMITH, 1932, p. 339.

³⁰ Ibid.

³¹ HESSELGRAVE, *Plantar igrejas*, p. 15.

igreja. O “mundo todo” é injusto e carente da glória de Deus” (Rm 3.11, 23) e, uma vez que “o evangelho é o poder de Deus para a salvação” (Rm 1.16a), todas as pessoas precisam ser contempladas pela igreja em sua missão.

“Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado” (Mc 16.16a). O evangelho apresentado pela igreja em sua missão ao mundo exigirá daqueles que o ouvem uma resposta, a qual pode ser recebê-lo em fé (crer) ou não (não crer). A fé como resposta das pessoas à pregação do evangelho pela igreja resultará em salvação. A incredulidade como resposta das pessoas à pregação do evangelho resultará em condenação. Essa passagem sublinha o fato de que não há possibilidade de uma resposta parcial à pregação do evangelho.

Se em Mateus o batismo é um meio para fazer discípulos de Jesus (“Vão e façam discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”), em Marcos 16.16 o batismo é visto como um ato paralelo à resposta de fé à pregação do evangelho. Ou seja, os batizados, em Marcos, são aqueles que creem no evangelho e testemunham publicamente da sua fé por meio do batismo.

Por fim, a perícope termina falando dos sinais que acompanharão os que creem.

Estes sinais acompanharão os que creem: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum; imporão as mãos sobre os doentes, e estes ficarão curados (Mc 16.17-18).

Esses sinais devem ser vistos de duas formas: primeiro, são evidências externas do fato de que a pessoa respondeu em fé ao evangelho que lhe foi pregado. Em segundo lugar, são “ferramentas auxiliares” na execução da pregação do evangelho. Esse segundo ponto é destacado dois versículos à frente, quando Marcos termina o seu evangelho dizendo que “os discípulos saíram e pregaram por toda a parte; e o Senhor cooperava com eles, confirmando-lhes a palavra com os sinais que a acompanhavam” (Mc 16.20).³²

3.3 Lucas 24.46-48; Atos 1.8

Lucas 24.46-48 e Atos 1.8 são outras duas passagens paralelas de Mateus 28.18-20. Lucas introduz o livro de Atos com a mesma cena com a qual havia terminado o seu evangelho: Jesus ressurreto reencontrando seus discípulos e dando-lhes instruções (Lc 24.36ss; At 1.1-5).

Nesse contexto, outro aspecto da missão da igreja é apresentado.

³² Alguns manuscritos não incluem esse versículo, embora a mensagem seja a mesma encontrada nos outros evangelhos.

E lhes disse: “Está escrito que o Cristo haveria de morrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia, e que em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém” (Lc 24.46-47).

Jesus evoca o Antigo Testamento (“está escrito”) para afirmar que três pontos já haviam sido preditos: (a) o evento da morte e ressurreição de Jesus (“Está escrito que o Cristo haveria de morrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia”); (b) o propósito da morte e ressurreição de Jesus; (c) a consequência missionária da morte e ressurreição de Jesus (“... e que em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém”).

Por fim, Jesus afirma: “Vocês são testemunhas dessas coisas” (Lc 24.48). Em Lucas, portanto, a tarefa missionária da igreja é dupla: testemunhar da morte e ressurreição de Jesus e chamar as pessoas ao arrependimento para o perdão dos pecados.

O aspecto geográfico é mais uma vez evidenciado. A passagem diz que esse testemunho deve ser dado “a todas as nações” (Lc 24.47). Novamente, em Atos, Lucas enfatiza que, depois que o Espírito Santo viesse sobre a igreja, a vida missionária da igreja seria iniciada com o testemunho de Cristo “em Jerusalém, em toda Judeia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1.8).

3.4 João 20.21

A passagem paralela das acima citadas no Evangelho de João está em 20.21: “Novamente Jesus disse: Paz seja com vocês. Assim como o Pai me enviou, eu os envio”. A questão da encarnação de Jesus é tema central no Evangelho de João. Logo no primeiro capítulo, João destaca que “aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14).

Outro aspecto singular do Evangelho de João é que Jesus é visto como expressão do amor de Deus. O conhecido versículo de João 3.16 é um dos muitos que destacam essa verdade: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha vida eterna”.

Portanto, para João, Jesus é a encarnação da expressão máxima do amor de Deus. Ao morrer na cruz, Deus estava dizendo, por meio de Cristo, que amava todo o mundo. Logo, é missão da igreja encarnar o amor de Deus, por meio de atitudes práticas. Essa responsabilidade é amplamente frisada por João nas suas cartas, de modo que, para ele, a fé de uma pessoa poderia facilmente ser medida levando em conta o seu amor:

Amados, amemos uns aos outros, pois o amor procede de Deus. Aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Foi assim que Deus manifestou o seu amor por nós: enviou o seu Filho Unigênito ao mundo, para que pudéssemos viver por meio dele (...).

Amados, visto que Deus assim nos amou [de forma encarnada, por meio de Jesus], nós também devemos amar uns aos outros (1Jo 4.7-9, 11).³³

As múltiplas facetas da missão da igreja podem ser resumidas na tabela abaixo:

A missão da igreja e suas múltiplas facetas

<i>Mateus 28.18-20</i>	<i>Marcos 16.15-18</i>	<i>Lucas 24.48; Atos 1.8</i>	<i>João 20.21</i>
Fazer discípulos de todas as nações, incorporando-os na igreja e ensinando-os a obediência	Pregar o evangelho ao mundo	Ser testemunha da obra de Jesus e chamar as pessoas ao arrependimento	Demonstrar um amor encarnado ao mundo
Palavra-chave: Discipular	Palavra-chave: Evangelizar	Palavra-chave: Testemunhar	Palavra-chave: Amar

A análise desse quadro leva a algumas conclusões. Em primeiro lugar, por vezes as funções se confundem (ou se cruzam). Por exemplo, quando a igreja está evangelizando não está ensinando? Isso não é uma forma de testemunhar de Jesus ou uma atitude prática de amor?

Segundo, cultural e geograficamente falando, observa-se que a missão da igreja deve ser ampla. Precisa-se fazer discípulos de todas as nações (Mateus), pregar o evangelho em todo o mundo a todas as pessoas (Marcos), ser testemunha da obra de Jesus e chamar as pessoas ao arrependimento até os confins da terra (Lucas e Atos) e demonstrar um amor encarnado no mundo (João).

Terceiro, a vida e o ministério de Jesus são o modelo da missão da igreja. Discipulado, evangelismo, testemunho e amor estavam presentes em todo o ministério de Jesus e devem ser repetidos pela igreja.

Quarto, a missão da igreja nunca será feita de forma desacompanhada. É o próprio Senhor, por meio do seu Espírito, que capacita a igreja para a sua missão: “Estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28.20); “O Senhor cooperava com eles, confirmando-lhes a palavra com os sinais que a acompanhavam” (Mc 16.20); “Receberão poder quando o Espírito Santo descer [e permanecer] sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1.8); “E com isso, soprou sobre eles e disse: ‘Recebam o Espírito Santo’” (Jo 20.22). Somente com a companhia e capacitação de Deus é que a igreja poderá realizar a sua missão. Nas palavras de Carriker:

³³ Carlos del Pino traz um estudo aprofundado sobre o apostolado de Cristo e a missão da igreja. DEL PINO, Carlos. “O apostolado de Cristo e a missão da igreja”. *Fides Reformata*, V-1 (2000): 1-12.

O Espírito, portanto, é o autor de missões, pois a obra parte de sua capacitação. Ele não é apenas o autor, mas também o realizador de missões. Com sua vinda sobre os primeiros discípulos houve o sinal sobrenatural de “línguas”, que indicava claramente que o evangelho deveria ser pregado a todas as raças e nações. Podemos dizer que o Espírito garante o sucesso missionário no mundo.³⁴

4. QUAL É A RELAÇÃO ENTRE A MISSÃO DA IGREJA E PLANTIO DE NOVAS IGREJAS?

“O assunto plantio de igrejas deve ser observado dentro da perspectiva da missão, ou seja, o resultado do desejo de Deus que envolve a ação da Igreja”.³⁵ Nesse sentido, depois de se discorrer sobre o que é a igreja e a sua missão, deve-se perguntar qual é a relação entre missão da igreja e o plantio de novas igrejas.

Tal relação deve ser vista sob três ângulos distintos e inter-relacionados: (a) o plantio de igrejas é uma tarefa da missão da igreja (um fim); (b) o plantio igrejas é um método para cumprir a missão da igreja (um meio); (c) o plantio de igrejas é um fruto do cumprimento da missão da igreja (uma consequência).

4.1 O plantio de igrejas como tarefa

Por esse viés, o plantio de igrejas está embutido na missão da igreja, ou seja, plantar igrejas locais é uma das suas múltiplas facetas. Nas palavras de Murray: “Plantação de igreja não é um fim em si mesmo, mas um aspecto da missão de Deus no qual as igrejas têm o privilégio de participar”.³⁶

E, como Lidório comenta: “Muitos missiólogos compreendem que o plantio de igrejas, e não apenas o evangelismo individual, é um ensino contido na Grande Comissão, o que creio ser evidente”.³⁷

Ott e Wilson sublinham que é praticamente impossível obedecer ao mandamento de fazer discípulos e batizar (Mt 28.18-20) sem a plantação de novas igrejas:

Pregar o evangelho e converter os perdidos é apenas o início do cumprimento da Grande Comissão. Os mandamentos de Jesus não podem ser obedecidos por um indivíduo sozinho e o Reino de Deus não pode ser demonstrado no isolamento. Onde não há comunidades de discípulos, elas devem ser criadas. Sem a plantação de igrejas entre os povos, a missão deve ser considerada inacabada.³⁸

³⁴ CARRIKER, *Missões na Bíblia*, p. 31.

³⁵ LIDÓRIO, “A igreja e a sua missão”, p. 1.

³⁶ MURRAY, *Church Planting*, p. 16.

³⁷ LIDÓRIO, “A igreja e a sua missão”, p. 2.

³⁸ OTT; WILSON, *Plantação global de igrejas*, p. 36.

4.2 O plantio de igrejas como método

Sob esse prisma, o plantio de novas igrejas locais seria visto como um método para cumprir as múltiplas funções da missão. De acordo com Lidório, o plantio de igrejas como método começou a ser praticado relativamente cedo.

No fim do primeiro século houve uma mudança significativa na forma da Igreja Primitiva ver a sua missão. Bosch entende que a igreja passou a ter uma clara compreensão da necessidade da *ekklesia* – igreja local para o enraizamento do evangelho nas cidades, províncias e regiões mais distantes entre os gentios.³⁹

São vários os missiólogos, missionários e plantadores de igrejas que sublinham o plantio de igrejas como um método eficaz de cumprir a missão. Lidório afirma:

O plantio de igrejas é a forma mais eficiente, autossustentável e duradoura de comunicar o evangelho dentro de um perímetro local, seja um bairro em contexto urbano, seja uma etnia culturalmente definida, pois gera demanda pela comunicação de um evangelho culturalmente compreensível, estabelece localmente o reino e duplica o efeito missionário, uma vez que igrejas plantam igrejas.⁴⁰

Peter Wagner diz que “o método evangelístico mais eficaz debaixo dos céus é plantar igrejas”.⁴¹

Além das descrições acima, Timothy Keller e J. Allen Thompson apresentam outras razões para plantar igrejas: (a) o chamado essencial de Jesus foi para a plantação de igrejas; (b) toda a estratégia de Paulo era a plantação de igrejas urbanas; (c) novas igrejas são melhores para alcançar novas gerações, moradores e grupos de pessoas; (d) igrejas antigas gastam a maior parte dos seus recursos e energias nos membros antigos.⁴² Ao terminar de expor as razões, concluem: “O que isto significa de forma prática? Que a única maneira, em grande escala, de trazer muitos novos cristãos para o Corpo de Cristo de forma permanente é plantando novas igrejas”.⁴³

Payne também salienta a eficácia da plantação de igrejas como estratégia missionária: “Como estratégia, a plantação de igrejas oferece um paradigma para alcançar vilas, tribos, enclaves urbanos e cidades inteiras com o evangelho.

³⁹ LIDÓRIO, “A igreja e a sua missão”, p. 1.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ WAGNER, *Plantar igrejas para a grande colheita*, p. 13.

⁴² KELLER, Timothy; THOMPSON, Allen. *Manual do plantador de igrejas*. Londrina, PR: CBPI, 2002, p. 29, 30.

⁴³ Ibid., p. 30.

Ela oferece à igreja o grande potencial para multiplicar discípulos, líderes e outras igrejas”.⁴⁴

4.3 O plantio de igrejas como consequência

Sob esse ângulo, o plantio de igrejas é visto como um fruto da obediência da igreja à sua missão. Em outras palavras, novas comunidades cristãs surgirão pelo fato de a igreja obedecer às múltiplas funções do seu chamado missionário. Hesselgrave observa:

É verdade que evangelizar significa transmitir o evangelho – espalhar as Boas Novas de Cristo. Mas no Novo Testamento, a evangelização não fica sozinha. (...). Francis Schaeffer [ao discorrer sobre a Igreja de Antioquia] afirma: ‘Logo aqui [em Antioquia] havia uma congregação local em funcionamento, chamada “a igreja”. A partir daqui o Novo Testamento claramente indica que igrejas eram formadas sempre que algumas pessoas se tornassem cristãs.’⁴⁵

Na verdade, em todo o livro de Atos a criação de comunidades cristãs sempre ocorreu depois de que as pessoas ouviram o evangelho e se converteram a Jesus.⁴⁶

Aparentemente, os apóstolos não saíam para “plantar” igrejas. Eles não eram comissionados para se lançar no alcance desse objetivo. Eram enviados para pregar o evangelho. Ainda assim, nos lugares em que At 1.8 era fielmente cumprido, nascia uma igreja. A ligação funcional entre pregação do evangelho e plantio de novas igrejas, cuidado e crescimento é claramente estabelecida. Podemos afirmar com confiança que a igreja se forma no evangelho e com o evangelismo se forma em uma igreja neotestamentária.⁴⁷

É nesse sentido que Payne afirma: “A plantação bíblica de igrejas é o evangelismo que resulta em novas igrejas”.⁴⁸

CONCLUSÃO

A conclusão é que, seja como tarefa, método ou consequência, há uma relação intrínseca entre a missão da igreja e o plantio de novas comunidades cristãs. Portanto, o plantio de novas igrejas está localizado no centro da missão da

⁴⁴ PAYNE, *Discovering Church Planting*, p. 7.

⁴⁵ HESSELGRAVE, *Plantar igrejas*, p. 20.

⁴⁶ “Somente duas possíveis exceções são encontradas: o eunuco etíope e talvez os poucos crentes de Atenas”. OTT; WILSON, *Plantação global de igrejas*, p. 36.

⁴⁷ PETERS, George. *A Theology of Church Growth*. Grand Rapids: Zondervan, 1981, p. 20.

⁴⁸ PAYNE, J. D. *Apostolic Church Planting: Birthing New Churches from New Believers*. Downers Grove: InterVarsity, 2015, p. 17.

igreja de Cristo. Qualquer projeto missionário que obedece às múltiplas funções da missão deverá desembocar, necessariamente, no plantio de novas igrejas.

A relação entre o plantio de igrejas e a missão da igreja pode ser resumida na tabela abaixo:

A relação entre o plantio de igrejas e a missão da igreja

<i>Primeira relação – Tarefa</i>	<i>Segunda relação – Método</i>	<i>Terceira relação – Consequência</i>
O plantio de igrejas é uma tarefa da missão da igreja.	O plantio de igrejas é um método para cumprir a missão da igreja.	O plantio de igrejas é uma consequência do cumprimento da missão da igreja.

ABSTRACT

This essay seeks to locate church planting in the context of the mission Christ entrusted to the church. The author begins by pointing out various attitudes toward church planting. Next, he shows the relationship between theological reflection and missionary practice, and he insists that they need to walk side by side. He then seeks to answer three fundamental questions: What is the church? What is the mission of the church? Where church planting should be placed in the mission of the church? As he deals with the second issue, the mission of the church, the author analyzes five key passages: Matthew 28:18-20; Mark 16:15-18; Luke 24:46-48; Acts 1:8, and John 20:21. Finally, he considers what is the relationship between the mission of the church and church planting by focusing on three aspects: church planting as a task, as a method, and as a consequence. He concludes that there is an intrinsic connection between church planting and the mission of the church.

KEYWORDS

Mission of the church; Church planting; Theological reflection; Ecclesiology; The Great Commission.